



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERA ANUAL. 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre €50. — Semestre 1300. — Ano 2600.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 1500. — Ano 3000
ESTRANGEIRO: semestre 1850. — Ano 3900.

Redação, administração e oficinas — Rua do Seculo, 43, LISBOA

Sapataria JANUARIO

Sapato de luxo em todos os generos
pelos mais chics modelos

MEIAS FINAS

78, R. de S.^{ta} Justa, 80



Corôas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fabrica propria, e na

Camelia Branca
L^{da} D'ABEGARIA, 30
rua Chiado - Telf 3270

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e officinas de reparações

Preços resumidissimos

Vende J. Anão & C.^{ta} L.^{da}
R. Nova do Almada, 6. 2.^o
Telefone 2536 LISBOA

Maquinas e Acessorios

Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Fedir preços, orçamentos a

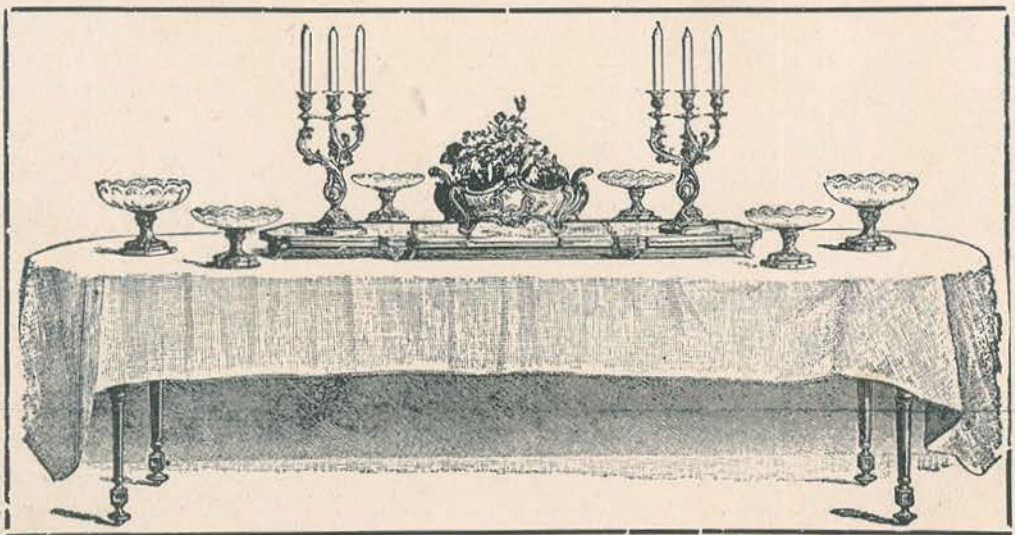
C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

MANDARIM CHINEZ

141 - Rua Augusta - 145 — LISBOA

(LOJAS E PRIMEIRO ANDAR)

O maior armazem de novidades do Paiz



COLOSSAL SORTIDO EM:

Metaes, Talheres, Serviços de jantar e almoço, Crystaes, Vidraria e uma infinidade de lindissimos objectos para brindes

ARTIGOS PARA TODOS OS PREÇOS

VISITEM ESTA CASA PARA VEEM A SUA EXPOSIÇÃO ARTISTICA

EDIÇÃO SEMANAL
DE
"O SÉCULO"

Ilustração Portuguesa

II SERIE—N.º 819

LISBOA, 29-10-911]

TRÊS PORTUGUESES



ANTONIO GRANJO,
PRESIDENTE DO MI-
NISTERIO, ASSASSI-
NADO NO ARSENAL
DE MARINHA, EM
19 DE OUTUBRO



MACHADO SANTOS, FUNDADOR DA REPUBLICA
ASSASSINADO EM 19 DE OUTUBRO



JOSÉ CARLOS DA MAIA, REVOLUCIONARIO DE 5 DE
OUTUBRO, ASSASSINADO EM 19 DE OUTUBRO NO AR-
SENAL DE MARINHA

A «Ilustração Portuguesa» e os acontecimentos

O numero de hoje da «Ilustração Portuguesa», é um numero revolucionario, um numero que não teve tempo de se arranjar, de se vestir, um numero sem côr, um numero sem «rouge», um numero alvoraçado que atrai fotografias, como argumentos, que esquece o «baton», que esquece a frivolidade, que se esquece de ser «magazine», para chorar, para chorar bem alto, sem receio de que venham proibir-lhe as lagrimas, a morte desses tres portugueses de lei, esses tres homens que cometeram o nefando crime de pôr as suas vidas ao serviço da Patria. Todos eles morreram pobres, morreram abandonados, abandonados do seu proprio ideal, esse ideal que, pelo seu esforço heroico, chegou a ser uma realidade em Cinco de Outubro, mas que, pouco a pouco, se afastou, se diluiu, maltratado pelos homens, apagando-se, apagando-se cada vez mais, até desaparecer completamente na noite de 19 de Outubro, a noite mais tragica da Republica, a noite em que este povo começou a desconfiar de si proprio, a noite em que a duvida surgiu, a noite em que cada um de nós levou a mão ao peito — a vêr se o coração ainda lá estava...

Perdemos tudo: os heróis, os santos, as certezas e os sonhos. Só nos falta agora perder o povo, este bom povo de Portugal que meia duzia de feras pretende caluniar, atribuindo-lhe instintos que ele não tem, abalando-lhe o seu prestigio de povo amavel, de povo alegre e feliz, povo que canta e dança todo o ano, um povo que é a cigarra dos povos...

Porque foram mortos Antonio Granjo, Machado Santos e Carlos da Maia? Porque eram honestos, porque eram bons, porque tiveram a ingenuidade de supôr que a sua terra lhes agradeceria tudo quanto fizeram por ela... Jornais ha que se atrevem ainda a falar nos erros politicos destes homens, como se houvesse alguém em Portugal que não tivesse cometido erros, que não tivesse contribuido para pôr mais alta esta fogueira de odios em que a Patria se consome. Amar a Patria, procurar salva-la, mesmo quando esse fito não se consegue, não é um erro, não é um crime: é um dever. Se todos nós fizéssemos como Antonio Granjo, Machado Santos e Carlos da Maia, se todos nós puzéssemos a nossa actividade, o nosso esforço, a nossa inteligencia, ao serviço da Patria, talvez já estivessemos salvos, talvez de entre nós todos, já tivessem surgido os homens que nos são precisos, os detentores da Verdade... A sinceridade das intenções dessas tres belas figuras da Repu-

blica, melhor ainda, da Patria, está na modestia das suas vidas, na pobreza em que as suas familias ficaram. Um politico que morre pobre — to nou rica a sua terra.

O que motiva este odio, o que motiva este rancor de todos os dias, de todas as horas, este diluvio de sangue, se todos nós, monarchicos e republicanos, estamos a combater pelo mesmo ideal, se a nossa ansia é a mesma, a ansia de encontrar uma solução para a Patria?...

O que se lucrou com a morte daqueles tres heroicos portugueses? Apenas isto: que passasse a haver menos três homens de bem em Portugal...

Ha expressões, ha gestos, ha atitudes que não enganam. Machado Santos, Antonio Granjo e Carlos da Maia, pertenciam ao numero daqueles homens sobre quem não pode haver duvidas. Machado Santos era um sincero, um bom, para quem a Republica existia como Deus existe para certos devotos: com forma humana. A Republica era a sua paixão, a sua filha. Ele sabia-lhe a côr dos olhos, ele acariciava-lhe as tranças ao pronunciar-lhe o nome, ao separar-lhe as silabas... Machado Santos era um sentimental. Ele tratou sempre os seus inimigos com o maior respeito, como se eles fossem os seus melhores amigos... Em todas as revoluções, em todos os movimentos, era dos seus labios que saía sempre a primeira palavra de piedade, a primeira palavra de ternura para com os vencidos.

Antonio Granjo era um character, uma grande alma, que tinha na sua honra o seu maior orgulho, que andou lá por fóra com Portugal ao peito, este Portugal que em seu peito foi tambem alvejado...

Carlos da Maia era um bravo marinheiro, um amigo intimo do mar, que sonhou toda a vida com a Republica, como as creanças sonham com uma terra encantada... Ha uma frase de Carlos da Maia, após a revolução de Cinco de Outubro, que é a sua vida toda em meia duzia de palavras, uma vida branca, uma vida limpa: — «Mãe, podes beijar-me... Eu não matei ninguem...»

Já que não lhes pudémos salvar as vidas, salvemos as suas memorias. Antonio Granjo, Machado Santos, Carlos da Maia, Freitas da Silva e tantos outros, não mereciam a morte que lhes foi dada. Matá-los, foi o mesmo que ensanguentar a Patria. E' preciso ter cautela... Os assassinos de Antonio Granjo, Machado Santos e Carlos da Maia, podem vir a parecer se, singularmente, com os assassinos de Portugal...

Cunha Leal conta hoje em cada português um admirador. Todas as dúvidas que se possam ter formulado sobre as suas intenções, quando da sua estada no poder, deixaram de existir, apagaram-se completamente. A sinceridade de Cunha Leal, após o seu gesto nobilitante, é um dogma. O homem que arrisca a sua vida para defender a vida dum adversário político, não pode ser um egoísta, é

uma alma bem formada, que merece a homenagem, que merece a estima de todas as almas eleitas. Não se deixa mover por interesses de qualquer ordem, o homem que espontaneamente abandona todos os seus empregos, recusando-se a servir uma situação que estando inocente dos bárbaros assassinatos de 19 de Outubro, nem por isso deixa de estar ennodada de sangue. Belo exemplo o de Cunha Leal, exemplo seguido, aliás, pelo bravo marinheiro Agatão Lança, radical nas idéas, conservador no coração e na alma.

A força de Cunha Leal é a sua mocidade, uma admirável mocidade, uma mocidade heroica. E' esse, de resto, o traço de

CUNHA LEAL



O sr. Cunha Leal, no funeral do sr. Carlos de Maia

Leal, e é pela mesma razão que todos nós desejamos que não se efective o seu projecto de abandonar a política.

O seu gesto de 19 de Outubro, valeu-lhe mais do que todos os seus discursos políticos. Se com os seus discursos, se com todas as suas doutrinas Cunha Leal revelou sempre uma bela intelligencia, com o seu ultimo gesto revelou possuir um grande coração.

Foi essa a melhor garantia que ele nos pôde dar. Portugal é um país para se governar mais com a alma do que com a intelligencia...

toda a vida política de Cunha Leal, o traço que só agora se nos revela, que só agora se ilumina. Em Cunha Leal não ha radicalismos excessivos, demagogicos, ha mocidade. Ora onde ha mocidade, ha coração, ha nobreza. Do homem que consegue ser novo em Portugal, que consegue ter esse heroismo, ha tudo a esperar. E' por isso que todos os olhos se voltam para o capitão Cunha





«Captain» H. A. Buchanan-Wellaston, C. M. G., R. N., comandante do cruzador Inglês «Calypso», que esteve fundeado no Tejo.—Lt. W. A. N. Haubsley Westal, R. N., ajudante de ordens do comandante do «Calypso»
(«Cliché» Garcez)



A legação da America com a bandeira a meia haste, em sinal de sentimento pela morte do presidente do ministerio («Cliché» Salgado)



O sr. major Cortez dos Santos, actual ministro da guerra, acompanhado de alguns oficiais que tomaram parte no movimento revolucionario



Um contraste. E' tal o habito das revoluções em Portugal, que uma metralhadora já não é um motivo suficientemente forte para que se deixe de engraxar as botas

(«Clithés» Garcez)

FIGURAS DO MOMENTO



Alguns membros do novo ministério. Os srs. Francisco Antonio Ferraz, dr. Vêga Simões, coronel Manuel Maria Coelho e major ortez dos Santos em frente da residência do sr. Presidente da República

(«Clilhê» Garcez)

O sr. dr. Francisco de Almeida, irmão do sr. Presidente da República, ao chegar à residência presidencial

(«Clilhê» Garcez)

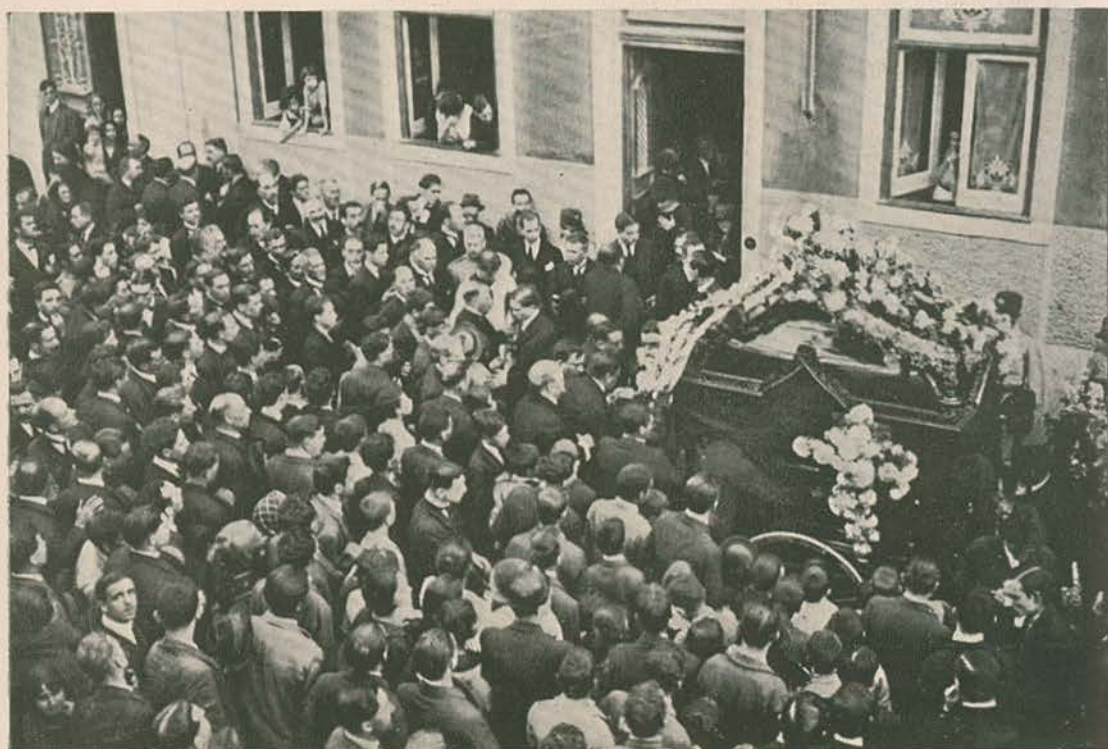


O sr. tenente Rosa Macius, membro da Junta Revolucionária

(«Clilhê» Salgado)



O funeral do sr. Carlos da Maia

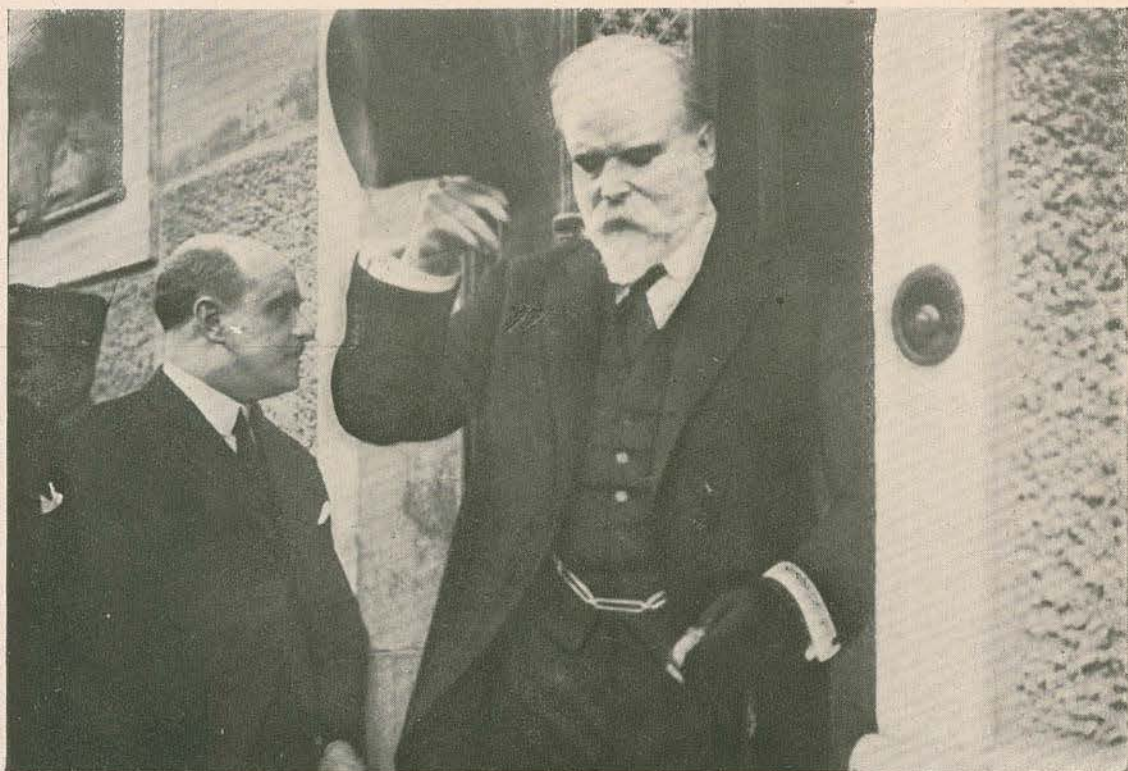


A' porta da casa da família do sr. Carlos da Maia. O funeral do desditoso oficial da Armada a caminho do cemitério



A chegada ao cemitério

(«Chichês» Saigado)



O sr. Presidente da Republica saindo da casa da familia do sr. Carlos da Mala



O funeral do «chauffeur» Jorge Genill. Um aspecto do cortejo

(«Clichés» Garcez)



Os «camions»-metralhadoras, que estiveram de vigilância aos ministerios, comandados pelos alferes srs. Costa e Ribeiro

(«Cliché» Salgado)



Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha. Automovéis para a condução de feridos—à porta do posto de socorros, no Terreiro do Paço

(«Cliché» Salgado)



No Terreiro do Paço. Praças de marinha que tomaram parte nos acontecimentos

(«Cliché» Garcez)



Um grupo de civis. Ao centro o conhecido revolucionario civil Ferraz.



Na Sucursal do «Seculo». O posto de socorros Instalado pela Cruz Branca

(«Chichês» Garcez)

NO PARQUE EDUARDO VII



A Junta Revolucionaria

O parque Eduardo VII é o parque das revoluções. A victoria pertence sempre aos que primeiro lá chegam. O parque Eduardo VII é a grande roleta da politica nacional, a roleta em que o país se tem arruinado. O parque Eduardo VII, em construção ha tantos anos, tem sido um local de destruição. A maior desgraça nacional foi a descoberta da Rotunda, uma situação estrategica de facil acesso, servida constantemente por electricos... Em Portugal tudo se torna facil com a Rotunda -- tudo se torna difficil... Ha um ministro que não quiere fazer uma determinada promoção. O remedio está na Rotunda... O parlamento não quiere votar um decreto qualquer de minima importancia? A Rotunda lá está para o obrigar a isso... O Presidente da Republica recusa-se a dar o governo a este ou aquele partido? A Rotunda encarrega-se de o convencer... A Rotunda é um mal nacional. Faça-se uma revolução para acabar com ella e a Patria estará salva.



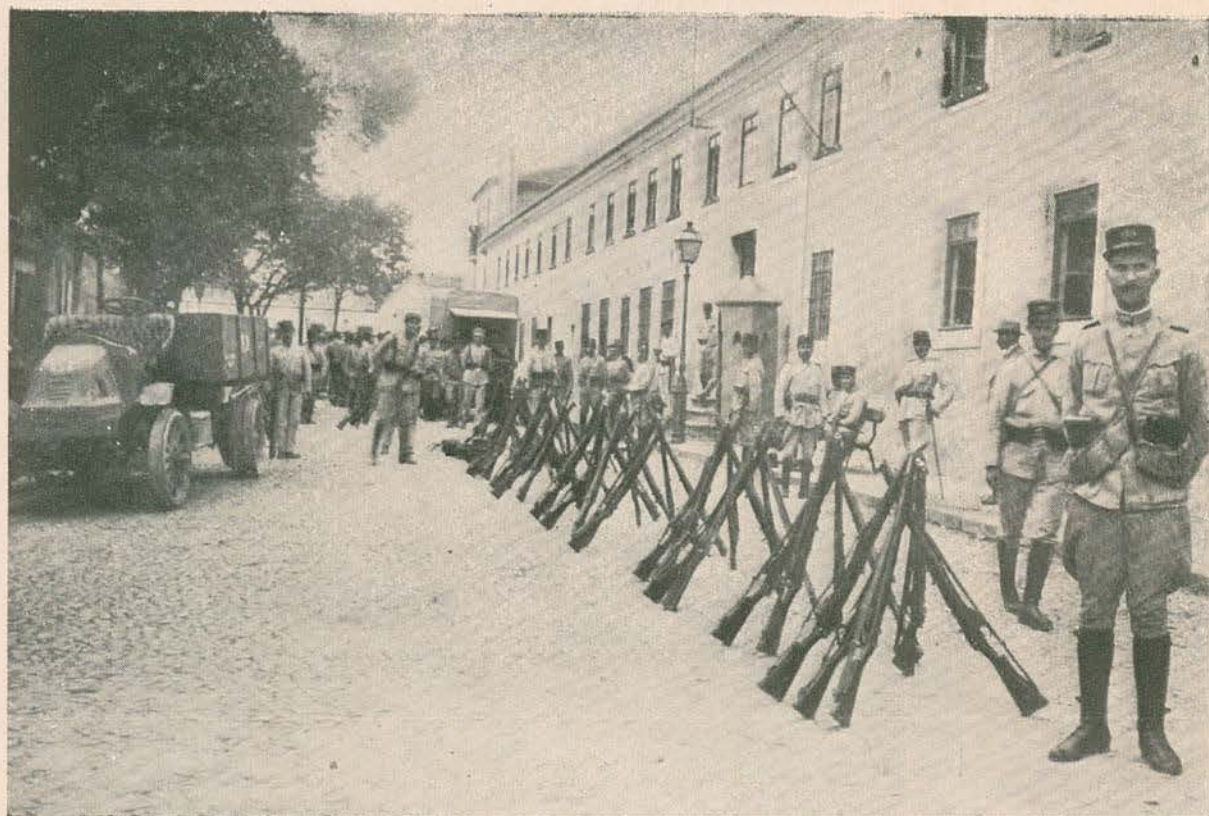
O interior do gabinete onde esteve instalado o quartel general dos revoltosos

VISTA GERAL DA CIDADE

(«Chichês» Garças)

TIRADA DO RECINTO ONDE ACAMPARAM AS FORÇAS REVOLUCIONARIAS





Um aspecto do 3.º batalhão da G. N. R. em Alcântara, na manhã de 49



Um oficial, em nome da Junta Revolucionária, transmitindo ordens aos oficiais que comandavam as tropas no Terreiro do Paço
(«Clichês» Salgado)



Uma força do Depósito de Artilharia desfilando na Avenida



A bateria de obuses da Guarda Nacional Republicana que iniciou o movimento, atravessando o Rocio

(«Clíchés» Garcez)



No Quartel General dos revoltosos em Campolide. Um aspecto das forças revolucionárias

(«Cliché» Garcez)



O funeral do sr. coronel Botelho de Vasconcelos, uma das vítimas da noite trágica de 19 de Outubro



O funeral do capitão Luiz Gonzaga, vítima dum desastre de aviação

(«Gilchês» Garcez)

Ô FUNERAL DO SR. MACHADO SANTOS



No cemitério oriental, A última jornada do fundador da República

(«Clichê» Salgado)



A viuva do sr. Machado Santos na camara ardente



O funeral do sr. Machado Santos. A' porta da residencia da familia do illustre extinto

(«Clichês» Salgado)

O FUNERAL DO SR.

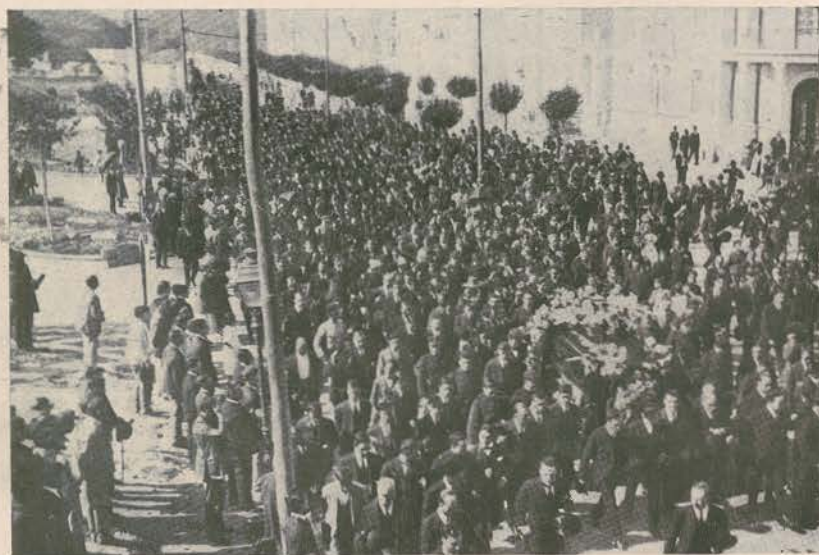
DR. ANTONIO GRANJO



Os estudantes, com as suas capas traçadas, precedendo a carreta fúnebre (Clichê Garcez)



Na camara ardente. Os amigos do sr. dr. Antonio Granjo velando o seu corpo



Na rua João Crisostomo. O desfile do cortejo («Clichê» Saigado)



O Centro dr. Antonio José d'Almeida abrindo o cortejo («Clichê» Saigado)



No funeral do sr. dr. Antonio Granjo. O sr. Cunha Leal fazendo o seu impressionante discurso



1. O coronel Manuel Maria Coelho, encorporado no prestíto



2. A chegada do senhor — unha Leal á residencia do sr. dr. Antonio Granjo



3. A urna conduzida aos ombros de varios amigos, en're os quais o ilustre e critor sr. dr. Sousa Costa

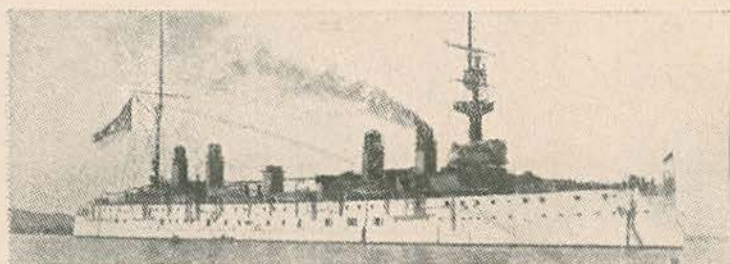
(«Chichés» Garcês)

4. No cemiterio. O sr. dr. Vicente Perreira pronunhando o seu discurso

(«Chichés» Salgado)



Navios estrangeiros no Tejo



O cruzador francês «Gueydon», que recebeu ordem para estar preparado para seguir para Lisboa

O cruzador inglês «Calypso» que tem como comandante, o capitão de mar e guerra, sir Herbert Buchanan



O cruzador espanhol, «Cataluña», concluído em 1890, com 334 pés de comprimento e deslocando 7550 toneladas

O cruzador francês «Jeannette», que visita pela segunda vez o porto de Lisboa

